



### **SUMÁRIO**

### **CENÁRIO ECONÔMICO:**

**BRASIL:** O PIB brasileiro desacelerou no 2º trimestre.

**EUA:** O Federal Reserve reduziu a taxa de juros em 25 pontos-base, para o intervalo de 4,00% a 4,25%.

**EUROPA:** O Banco Central Europeu manteve as taxas de juros inalteradas na reunião de setembro, reforçando que a política monetária atual é adequada.

<u>CHINA:</u> Economia chinesa desacelerou no terceiro trimestre, com frustração do desempenho da atividade em agosto.

**PROJEÇÕES:** Projeções da Bradesco Asset para os principais indicadores macroeconômicos.

**RENDA FIXA:** Setembro foi marcado por duas fases distintas que influenciaram o comportamento dos ativos de renda fixa.

**RENDA VARIÁVEL:** Setembro seguiu a dinâmica do mês passado, favorável aos ativos de risco, levando as bolsas a novos recordes.





O PIB brasileiro desacelerou no 2º trimestre. Segundo os dados do IBGE, o PIB avançou 0,4% na margem, abaixo do crescimento observado no trimestre anterior (1,4%). Pela ótica da oferta, o setor de serviços foi o principal destaque, com crescimento de 0,6%, impulsionado por intermediação financeira e outros serviços. A agropecuária, que havia impulsionado o PIB no início do ano, teve desempenho estável, enquanto a indústria cresceu 0,5%, com destaque para a extrativa. Pela ótica da demanda, o consumo das famílias avançou 0,5%, refletindo um mercado de trabalho ainda aquecido. O investimento permaneceu praticamente estável quando excluído o efeito positivo de importação de plataformas de petróleo do 1º trimestre. As exportações cresceram 0,7%, enquanto as importações recuaram 2,9%, contribuindo positivamente para o PIB. Nossa medida de PIB cíclico, que exclui setores menos sensíveis à política monetária, cresceu 0,5% na margem. O dado não altera nossa projeção de crescimento para o ano, mantida em 2,1%, mas deve reduzir o risco de revisões baixistas no curto prazo. O Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu manter a taxa Selic em 15,00% ao ano, conforme antecipado pelo mercado. Em comunicado divulgado após a reunião, o Banco Central reforçou o compromisso com a convergência da inflação à meta. O tom do comunicado foi ligeiramente mais duro, ao manter a menção de que não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso julgue apropriado, além do patamar das projeções de inflação.







A estimativa para o primeiro trimestre de 2027 permaneceu em 3,4%, mesmo nível da reunião anterior, frustrando expectativas de uma revisão para baixo. Na Ata, o Comitê destacou que o cenário em curso é compatível com os efeitos esperados do patamar contracionista da política monetária, apesar de apontar a resiliência do mercado de trabalho. Em relação à inflação, o Copom identificou a persistência da desencorajem das expectativas, embora tenha reconhecido um movimento incipiente de queda nas projeções do mercado. Os núcleos de inflação, por sua vez, permanecem acima dos níveis compatíveis com o cumprimento da meta. Diante desse cenário, o Comitê manteve a afirmação de que será necessária uma política monetária contracionista por um período prolongado com o objetivo de assegurar a convergência da inflação à meta. A manutenção das projeções de inflação reforça nossa expectativa de que o início do ciclo de cortes ocorrerá apenas no começo de 2026. Prévia da inflação de setembro registrou alta de 0,48% em setembro, acumulando alta de 5,3% em 12 meses. O resultado foi puxado pela elevação de 1,91% em bens administrados, refletindo o fim do impacto deflacionário do pagamento do bônus de Itaipu nas faturas dos consumidores. Na mesma direção, bens industriais subiram 0,20%, devido ao aumento dos preços em vestuário e automóveis novos.







Por outro lado, serviços avançaram 0,12% no mês, em virtude da redução disseminada dos componentes, principalmente em passagens aéreas, seguro voluntário de veículos e cinema em razão da semana promocional de ingressos. Já, alimentos no domicílio recuaram 0,63% no mês, pressionando o índice para baixo. Em relação aos núcleos da inflação calculados pelo Banco Central, também houve surpresa para baixo. A média móvel de três meses com ajuste sazonal e anualizada dos cinco núcleos recuou de 4,4% para 4,3%, enquanto serviços subjacentes subiram de 6,2% para 6,7%, reforçando o cenário de desinflação gradual e melhora da composição do indicador, mas ainda com persistência da resiliência da atividade econômica.







O Federal Reserve reduziu a taxa de juros em 25 pontos-base, para o intervalo de 4,00% a 4,25%. A decisão teve um voto dissidente (Stephen Miran), que defendeu corte de 50 pb. O comunicado destacou sinais de desaceleração na atividade e no mercado de trabalho, com inflação ainda acima da meta. O Fed reconheceu mudança no balanço de riscos, com maior preocupação sobre o emprego, e indicou que novos cortes podem ocorrer, dependendo dos dados. Nas projeções, houve leve alta no crescimento do PIB, refletindo resiliência da atividade. A projeção para o núcleo da inflação (Core PCE) em 2026 subiu de 2,4% para 2,6%, indicando persistência das pressões inflacionárias. A trajetória esperada da política monetária foi ajustada: agora são previstos três cortes em 2025 e um adicional em 2026, com a taxa atingindo o nível neutro em 2027. Na coletiva, Jerome Powell adotou tom cauteloso. Reconheceu que o mercado de trabalho perdeu força, com ritmo menor de criação de vagas. Comentou que tarifas podem pressionar a inflação no curto prazo, mas reafirmou o compromisso do Fed com a meta de 2% no longo prazo. Sobre os próximos passos, sinalizou uma postura de esperar e observar os dados, sem trajetória predefinida para os juros. Em nossa avaliação, o tom mais brando da coletiva e os dados de emprego reforçam a expectativa de dois cortes adicionais nas reuniões de outubro e dezembro.







### **EUROPA**

O Banco Central Europeu manteve as taxas de juros inalteradas na reunião de setembro, reforçando que a política monetária atual é adequada. A decisão refletiu uma avaliação mais equilibrada dos riscos à atividade econômica. O BCE revisou levemente para cima a projeção de crescimento do PIB, destacando o bom desempenho do mercado de trabalho, manufatura, serviços e investimentos públicos. A inflação ao consumidor foi de 2,1% em agosto, com expectativas ancoradas, o que reforça a confiança no processo de desinflação. A autoridade reiterou que seguirá ajustando os instrumentos conforme os dados, sem compromisso com uma trajetória específica de juros. Assim, a abordagem dependente dos dados e a confiança no processo desinflacionário reforçam nossa expectativa de que o ciclo de corte de juros está, por enquanto, encerrado e que a taxa deve ser mantida em 2,0% nos próximos meses.







Economia chinesa desacelerou no terceiro trimestre, com frustração do desempenho da atividade em agosto. A produção industrial cresceu 5,2% em agosto em relação ao mesmo período do ano anterior. Por outro lado, os investimentos em ativos fixos acumularam expansão de apenas 0,5% no ano, com perda de tração dos investimentos em infraestrutura e na indústria observada nos últimos meses. Na mesma direção, as vendas no varejo avançaram 3,4%. No conjunto, os dados indicam que a demanda interna, sem estímulos relevantes, tem moderado. Na nossa avaliação, o governo deve manter uma postura cautelosa e não esperamos estímulos econômicos expressivos nos próximos meses. Diante disso, ajustamos nossa expectativa para o crescimento do PIB deste ano, que deve chegar a 4,5%.





## PROJEÇÕES BRADESCO ASSET MANAGEMENT











### PERSPECTIVAS RENDA FIXA

Setembro foi marcado por duas fases distintas que influenciaram o comportamento dos ativos de renda fixa. Na primeira metade do mês, o cenário externo mais favorável — impulsionado pela consolidação da expectativa de cortes de juros nos Estados Unidos — beneficiou especialmente os títulos domésticos de prazo mais longo. Já na segunda metade, o mercado adotou uma postura mais cautelosa diante das incertezas sobre os próximos passos do Banco Central. Embora ainda se espere o início de um ciclo de cortes na taxa Selic, a intensidade desse movimento passou a ser vista como mais moderada. Essa revisão nas expectativas quanto à velocidade dos cortes impactou negativamente os ativos de risco locais, com destaque para os títulos de renda fixa, que devolveram parte dos ganhos acumulados anteriormente. Com isso, o mês terminou com sinais mistos: enquanto os títulos atrelados à inflação — Juros Reais (IMA-B5, IMA-B, IMA-B5+) ficaram abaixo do CDI, os títulos prefixados — Juros Nominais (IRF-M1, IRF-M, IRF-M1+) — mantiveram bom desempenho, especialmente os de vencimentos mais longos (IRF-M1+), que superaram o CDI. No caso dos títulos indexados à inflação, apesar do elevado nível de juro real, a inflação corrente ainda é baixa. Esses papéis também foram mais sensíveis à postergação do início do ciclo de cortes, além de serem influenciados por fatores técnicos, como a atuação nos leilões do Tesouro e a menor exposição da indústria a essa classe de ativos.





### PERSPECTIVAS RENDA FIXA

No cenário doméstico, observamos sinais mais claros de desaceleração econômica, evidenciando a transmissão da política monetária à atividade. A busca contínua pelo centro da meta de inflação afastou a expectativa de início dos cortes para janeiro, postergando esse movimento para março, com maior intensidade. Mantemos nossa projeção de que a taxa básica de juros deve encerrar 2026 próxima a 12% ao ano. O mercado também se alinhou a essa visão, com as taxas forward para janeiro de 2027 girando em torno de 13,00%, o que indica que já estão precificados cerca de 200 pontos-base de cortes ao longo de 2026. No ambiente global, a retomada do ciclo de afrouxamento monetário nos EUA oferece suporte adicional aos ativos de risco, favorecendo os mercados emergentes e contribuindo para a desvalorização do dólar frente a outras moedas. A moeda brasileira se destacou, apresentando um dos maiores diferenciais de juros, o que impulsionou sua valorização até as mínimas do ano, colaborando para manter a inflação em níveis baixos. Ainda assim, persistem preocupações com a inflação nos EUA, o que pode limitar a velocidade e a magnitude dos cortes por lá. Em resumo, seguimos com uma visão construtiva para o momento atual. O cenário favorece ativos de risco, especialmente os de renda fixa. Historicamente, períodos de pausa do Copom antecedem bons desempenhos dos títulos prefixados e atrelados à inflação — representados pelos índices IMA-B, IRF-M e IMA-G — que superam o CDI. Apesar das incertezas locais (trajetória da dívida pública) e globais (conflitos tarifários e geopolíticos), a perspectiva de cortes futuros reforça uma visão otimista para a classe de renda fixa, destacando a importância da gestão ativa na estratégia.





#### RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA FIXA



#### DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

#### Renda Fixa Ativa Bond (03.894.320/0001-20)

Setembro foi marcado por uma distinção de narrativas do otimismo do cenário global com a preocupação do mercado doméstico. No âmbito global, ao longo do mês, o Fed retomou o processo de corte de juros no país, fato que historicamente, fomenta aos diferentes mercados de ativos de risco um elevado otimismo, devido ao aumento de liquidez global. Atualmente, o mercado carrega como cenário base, mais 4 cortes de juros no país, o que levaria a taxa livre de risco para algo mais próximo do seu patamar de neutralidade, mas com uma cautela elevado, por conta da incerteza do andamento inflacionário no país. Por outro lado, no Brasil, o discurso mais duro por parte dos principais membros do Banco Central brasileiro, aliado a um aumento de incertezas fiscais, dada a proximidade das eleições de 2026, atrapalhou o otimismo e bom andamento dos ativos de renda fixa ao longo de boa parte do mês.





Nesse contexto, mantivemos uma estratégia mais defensiva para a carteira, priorizando a alocações de risco mediano, com um viés mais tático, tanto na parcela de juros reais quanto nominais. Olhando à frente, monitoramos oportunidades de mercado para mudanças no nível de risco.

#### Crédito Privado Performance Institucional (10.813.716/0001-61)

O mês de setembro foi marcado por uma compressão marginal nos spreads das debêntures corporativas, que atingiram mínimas históricas mesmo diante de eventos idiossincráticos relevantes no mercado de crédito privado. A forte demanda, especialmente por fundos de infraestrutura e previdência, contrastou com o volume reduzido de emissões no mercado primário, tornando o processo de alocação mais desafiador. Diante desse cenário, reforçamos nossa abordagem ativa e criteriosa, priorizando emissores sólidos, estruturas robustas e precificação adequada ao risco, sem abrir mão da qualidade e da resiliência das carteiras. A seletividade permanece como pilar central da nossa estratégia, especialmente frente à maior aversão ao risco observada entre investidores diante das recentes reestruturações no mercado. O fundo, que emprega uma estratégia voltada para o crédito privado destinado ao público Institucional, registrou um desempenho positivo e superior ao CDI no mês. Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas tanto na parcela de ativos corporativos quanto bancários, com destaque para as Letras Financeiras de grandes bancos, como Santander, BTG e Safra, além das empresas Cagece, Cosan e Energisa. Apesar da redução do ritmo de compras de papéis de crédito, seguimos de forma cautelosa à procura de boas oportunidades nos mercados primários e secundários. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 55,5% de crédito, com uma carteira balanceada entre papéis corporativos e bancários de alta qualidade.



#### Juro Real (10.986.880/0001-70)

Setembro foi marcado por duas fases distintas para os ativos de renda fixa. No início, o otimismo externo com cortes de juros nos EUA favoreceu os títulos domésticos mais longos. Já na segunda metade, a cautela em relação ao Banco Central brasileiro reduziu a expectativa de intensidade dos cortes, impactando negativamente os ativos, especialmente os atrelados à inflação, que ficaram abaixo do CDI. No que tange os títulos atrelados à inflação, apesar do elevado nível de juro real, eles ainda carregam uma inflação corrente baixa. Além disso, um vetor técnico relevante, que vem sustentando o nível de preço dos ativos, é a atividade dos leilões do tesouro somada a uma exposição reduzida da indústria a esta classe de ativos.

#### Bradesco Renda Fixa Crédito Privado IE Yield Explorer (20.216.173/0001-59)

No mercado offshore, setembro foi marcado pela início do ciclo de corte de juros nos Estados Unidos, o que contribuiu para o movimento de fechamento das Treasuries, mesmo diante de dados de inflação ainda resilientes. O CDS Brasil de 5 anos manteve-se estável ao longo do mês, apesar das discussões sobre tarifas e sanções comerciais. Por outro lado, os spreads dos bonds corporativos brasileiros listados no exterior apresentaram abertura, refletindo o aumento da aversão ao risco por parte dos investidores, especialmente após os episódios de reestruturação envolvendo nomes como Ambipar e Braskem. Diante desse cenário, adotamos uma postura mais cautelosa na exposição a crédito offshore, com foco em emissores de alta qualidade e estruturas resilientes, atentos à possibilidade de novas correções no mercado secundário. O fundo com exposição a ativos corporativos brasileiros emitidos no exterior obteve desempenho positivo em setembro, superando o CDI.





#### DI Premium (03.399.411/0001-90)

O mês de setembro foi marcado por uma compressão marginal nos spreads das debêntures corporativas, que atingiram mínimas históricas mesmo diante de eventos idiossincráticos relevantes no mercado de crédito privado. A forte demanda, especialmente por fundos de infraestrutura e previdência, contrastou com o volume reduzido de emissões no mercado primário, tornando o processo de alocação mais desafiador. Diante desse cenário, reforçamos nossa abordagem ativa e criteriosa, priorizando emissores sólidos, estruturas robustas e precificação adequada ao risco, sem abrir mão da qualidade e da resiliência das carteiras. A seletividade permanece como pilar central da nossa estratégia, especialmente frente à maior aversão ao risco observada entre investidores diante das recentes reestruturações no mercado. Nesse cenário, o fundo Referenciado DI Premium alcançou um resultado positivo e próximo ao CDI no mês. Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas tanto na parcela de ativos corporativos quanto bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Safra, Itaú e Santander, assim como das empresas Cosan, Energisa e Nova Transportadora Sudeste. O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre excelentes taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. Seguimos, com maior cautela, à procura de boas oportunidades no mercado primário e secundário, a fim de incorporar a carteira de crédito, que hoje representa aproximadamente 40,8% do portfólio.





### PERSPECTIVAS RENDA VARIÁVEL

Setembro seguiu a dinâmica do mês passado, favorável aos ativos de risco, levando as bolsas a novos recordes.

O Ibovespa avançou 3,40% no mês encerrando em novo recorde de 146 mil pontos. No acumulado de 2025, o índice sobe 21,58%. O ciclo de cortes de juros nos EUA foi retomado. Agora, as discussões seguem em torno da extensão total desse ciclo. É comum que o início dos ciclos de afrouxamento monetário traga maior incerteza. Os bancos centrais se dividem entre quando reiniciar os cortes, como é o caso do Brasil, e quanto espaço ainda há para novas reduções, nos países que mantiveram seus ciclos ativos. A combinação de juros em queda com uma leve desaceleração da atividade econômica compõe um cenário favorável para a melhora da lucratividade das empresas no médio prazo. Os setores mais sensíveis à queda de juros lideraram os ganhos. Destacam-se Logística, Transportes & Infraestrutura, Shoppings e Utilidades Públicas. Por outro lado, setores com receitas dolarizadas— como Papel & Celulose e Consumo — apresentaram desempenho mais fraco no mês. A rotação nos portfólios globais continua, com maior direcionamento para emergentes e Europa. Bolsas como as do México, Brasil, Chile e China e figuram entre os destaques de performance em 2025. Nos nossos portfólios, mantivemos o foco em empresas com capacidade de entregar bons resultados, baixa exposição a commodities e beneficiadas pela queda de juros. Nossa tese de investimento na bolsa está apoiada em três pilares: dólar mais fraco globalmente, queda de juros e eleições. Seguimos com visão construtiva para a renda variável. A perspectiva de cortes de juros nos EUA e no Brasil, somada ao elevado desconto das ações brasileiras e à baixa alocação na classe, reforça nossa convicção. Ainda assim, a indefinição eleitoral e os ruídos políticos — como sanções internacionais — mantêm o ambiente incerto. Por isso, seguimos com postura seletiva, atentos aos prêmios ainda elevados em diversos setores.





### RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA VARIÁVEL

|                | SETEMBRO | 2025   | 12 MESES | 24 MESES | 36 MESES |
|----------------|----------|--------|----------|----------|----------|
| S&P 500 USD    | 3,53%    | 13,72% | 16,07%   | 55,98%   | 86,54%   |
| MSCI WORLD USD | 3,09%    | 16,15% | 15,68%   | 50,94%   | 81,06%   |
| IDIV           | 2,82%    | 19,53% | 11,65%   | 33,40%   | 52,29%   |
| IBOVESPA       | 3,40%    | 21,58% | 10,94%   | 25,46%   | 32,90%   |
| SMALL CAPS     | 1,58%    | 27,31% | 10,55%   | 6,40%    | 3,27%    |
| IBRX100        | 3,47%    | 21,37% | 10,95%   | 25,96%   | 32,37%   |

#### DESEMPENHO DOS FUNDOS DE AÇÕES

#### Estratégia Crescimento (34.123.529/0001-14)

A estratégia Sequoia/Mid Small Caps teve desempenho positivo, e em linha do Ibovespa em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Utilidades Públicas, Imobiliário e Educação. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Bens de Capital & Serviços, Papel, Celulose & Madeira e Energia. Aumentamos a exposição em Papel, Celulose & Madeira, Consumo e Logística, Transportes & Infraestrutura, reduzindo em Saúde, Varejo e Utilidades Públicas. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Imobiliário e Mineração & Siderurgia.

#### Estratégia Dividendos (32.312.071/0001-16)

A estratégia Centurion Dividendos teve desempenho positivo e acima do Ibovespa em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Utilidades Públicas, Bancos e Mineração & Siderurgia. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Bens de Capital & Serviços, Varejo e Papel, Celulose & Madeira. Aumentamos a exposição em Serviços Financeiros, Energia e Utilidades Públicas, reduzindo em Consumo, Saúde e Tecnologia, Mídia & Telecom. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Bancos e Energia.



#### Selection Ações (03.660.879/0001-96)

A estratégia Selection teve desempenho positivo, porém abaixo do Ibovespa em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Imobiliário, Varejo e Consumo. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Bens de Capital & Serviços, Logística, Transportes & Infraestrutura e Serviços Financeiros. Aumentamos a exposição em Bancos, Educação e Consumo, reduzindo em Logística, Transportes & Infraestrutura, Bens de Capital & Serviços e Energia. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Energia, Imobiliário e Bancos.

#### Institucional Ibrx Alpha Ações (14.099.976/0001-78)

A estratégia IBrX teve desempenho positivo e acima do IBrX em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Utilidades Públicas, Bancos e Logística, Transportes & Infraestrutura. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Papel, Celulose & Madeira, Varejo e Educação. Aumentamos a exposição em Tecnologia, Mídia & Telecom, Serviços Financeiros e Bens de Capital & Serviços, reduzindo em Logística, Transportes & Infraestrutura, Utilidades Públicas e Varejo. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Bancos, Utilidades Públicas e Energia.

#### Global Ações IE (18.085.924/0001-01)

A estratégia Global FIA teve positivo em setembro, em linha com o MSCI World ACWI, índice de referência da estratégia. Destaque positivo para a valorização das ações e negativo para a desvalorização das moedas em relação ao Real. Em setembro, o Fed iniciou o ciclo de cortes de juros com uma redução de 25 bps, levando a taxa para 4,25% ao ano, e são esperadas novas reduções nas próximas reuniões. Apesar disso, os dados de consumo nos Estados Unidos seguem robustos, e o mercado está atento à divulgação dos indicadores de emprego. No âmbito internacional, as tensões geopolíticas e as negociações tarifárias continuam marcando as relações exteriores do governo Trump. Já na China, os



dados econômicos apontam para uma expansão, especialmente nos setores ligados à tecnologia e inovação, áreas estratégicas impulsionadas pelo governo local. No mercado de investimentos, o tema de inteligência artificial permanece como destaque, impulsionando empresas do setor e atraindo atenção dos investidores. Mantivemos baixo risco ativo da carteira. Estamos com posição overweight na Ásia, mantendo a posição underweight em Japão.

#### Long and Short (09.241.809/0001-80)

A estratégia Long and Short/Equity Hedge teve desempenho positivo, porém abaixo do CDI em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Educação, Imobiliário e Mineração & Siderurgia. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Saúde, Varejo e Bens de Capital & Serviços. Aumentamos a exposição em Bens de Capital & Serviços, Tecnologia, Mídia & Telecom e Consumo, reduzindo em Serviços Financeiros, Logística, Transportes & Infraestrutura e Varejo. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Tecnologia, Mídia & Telecom e Imobiliário. Estamos com exposição comprada em Brasil e vendida no Exterior.

#### Multigestores Max (32.743.384/0001-29)

O Bradesco FIC FIM Multigestores Max apresentou um retorno nominal positivo e acima de seu benchmark durante o mês. Setembro foi mais um mês marcado por volatilidade nos mercados, mas de resultados positivos, principalmente nas bolsas e commodities, dada a expectativa de cortes de juros nos EUA. Nos emergentes, houve fluxo positivo com a expectativa de dólar mais fraco. O Brasil também passou por oscilações nos mercados dado o ambiente político conturbado, ruídos fiscais e pela influência externa, mas fechou o mês em alta. O mercado de crédito local foi marcado por três principais eventos que afetaram o retorno da indústria: fechamento dos papéis de Cosan, corrigindo a abertura do mês anterior, e abertura dos papéis de Braskem e Ambipar. Dessa forma, os fundos apresentaram retornos marginalmente acima do CDI nesse mês. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o Bradesco FIC MM Multigestores Plus.



### **ÍNDICES DE MERCADO**

### RETORNO DOS DIVERSOS ÍNDICES DE MERCADO

| Setembro | 2025     | 2024     | 2023     | 2022     | 2021     | 2020     | 2019     | 2018     | 2017     | 2016     | ACUM.    | a.a.   |
|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|--------|
| OURO     | OURO     | OURO     | S&P 500  | IHFA     | S&P 500  | OURO     | IBX      | DÓLAR    | IBX      | Ibovespa | IBX      |        |
| 9,60%    | 27,06%   | 59,64%   | 24,23%   | 13,57%   | 26,89%   | 55,93%   | 33,39%   | 17,13%   | 27,55%   | 38,94%   | 236,30%  | 12,94% |
| S&P 500  | Ibovespa | DÓLAR    | Ibovespa | IMA-S    | DÓLAR    | DÓLAR    | Ibovespa | OURO     | Ibovespa | IBX      | Ibovespa |        |
| 3,53%    | 21,58%   | 27,91%   | 22,28%   | 12,74%   | 7,39%    | 28,93%   | 31,58%   | 16,93%   | 26,86%   | 36,70%   | 232,65%  | 12,82% |
| IBX      | IBX      | S&P 500  | IBX      | CDI      | IMA-S    | S&P 500  | S&P 500  | IBX      | S&P 500  | IMA-B    | S&P 500  |        |
| 3,47%    | 21,37%   | 23,31%   | 21,27%   | 12,39%   | 4,67%    | 16,26%   | 28,88%   | 15,42%   | 19,42%   | 24,81%   | 228,57%  | 12,68% |
| Ibovespa | IRF-M    | IMA-S    | IRF-M    | IRF-M    | OURO     | IRF-M    | OURO     | Ibovespa | IRF-M    | IRF-M    | IRF-M    |        |
| 3,40%    | 14,36%   | 11,11%   | 16,51%   | 8,82%    | 4,43%    | 6,69%    | 28,10%   | 15,03%   | 15,20%   | 23,37%   | 171,76%  | 10,55% |
| IHFA     | S&P 500  | CDI      | IMA-B    | IMA-B    | CDI      | IMA-B    | IMA-B    | IMA-B    | OURO     | IHFA     | IMA-B    |        |
| 1,76%    | 13,72%   | 10,83%   | 16,05%   | 6,37%    | 4,42%    | 6,41%    | 22,95%   | 13,06%   | 13,89%   | 15,87%   | 170,67%  | 10,51% |
| IRF-M    | IHFA     | IHFA     | IMA-S    | Ibovespa | IHFA     | IHFA     | IRF-M    | IRF-M    | IMA-B    | CDI      | Ouro     |        |
| 1,26%    | 11,75%   | 5,65%    | 13,25%   | 4,69%    | 1,79%    | 5,27%    | 12,03%   | 10,73%   | 12,79%   | 14,00%   | 153,14%  | 9,77%  |
| IMA-S    | IMA-S    | IRF-M    | CDI      | IBX      | IMA-B    | IBX      | IHFA     | IHFA     | IHFA     | IMA-S    | IHFA     |        |
| 1,24%    | 10,54%   | 1,86%    | 12,99%   | 4,02%    | -1,26%   | 3,50%    | 11,12%   | 7,09%    | 12,41%   | 13,84%   | 145,04%  | 9,41%  |
| CDI      | CDI      | IMA-B    | IHFA     | DÓLAR    | IRF-M    | Ibovespa | IMA-S    | CDI      | IMA-S    | S&P 500  | IMA-S    |        |
| 1,22%    | 10,35%   | -2,44%   | 9,27%    | -6,50%   | -1,99%   | 2,92%    | 5,99%    | 6,42%    | 10,16%   | 9,54%    | 138,13%  | 9,10%  |
| IMA-B    | IMA-B    | IBX      | OURO     | OURO     | IBX      | CDI      | CDI      | IMA-S    | CDI      | OURO     | CDI      |        |
| 0,54%    | 9,42%    | -9,71%   | -5,96%   | -8,48%   | -11,17%  | 2,76%    | 5,96%    | 6,42%    | 9,93%    | -12,32%  | 136,11%  | 9,00%  |
| DÓLAR    | DÓLAR    | Ibovespa | DÓLAR    | S&P 500  | Ibovespa | IMA-S    | DÓLAR    | S&P 500  | DÓLAR    | DÓLAR    | DÓLAR    |        |
| -1,99%   | -14,11%  | -10,36%  | -7,21%   | -19,44%  | -11,93%  | 2,39%    | 4,02%    | -6,24%   | 1,50%    | -16,54%  | 37,01%   | 3,21%  |





### Mídias Sociais

# Quer acompanhar a indústria de fundos e ficar por dentro das novidades?

Acompanhe os nossos vídeos no



### YouTube

Bradesco Asset Management

Siga o nosso perfil no



@bradesco.asset

Siga nossa página no



Bradesco Asset Management

Acesse o nosso



bram.bradesco



Ouça nossos gestores e analistas no

## **Podcast Insights**

no **Spotify** ou na plataforma de sua preferência





### **INFORMAÇÕES IMPORTANTES**

Material de divulgação produzido pela Bradesco Asset Management, departamento responsável pela atividade de gestão de recursos de terceiros do Banco Bradesco S.A. As opiniões, estimativas e previsões apresentadas neste relatório constituem o nosso julgamento e estão sujeitas a mudanças sem aviso prévio, assim como as perspectivas para os mercados financeiros, que são baseadas nas condições atuais de mercado. Acreditamos que as informações apresentadas aqui são confiáveis, mas não garantimos a sua exatidão e informamos que podem estar apresentadas de maneira resumida. Este material não tem intenção de ser uma oferta ou solicitação de compra ou venda de qualquer instrumento financeiro. Os comentários de gestão dos fundos de investimento espelho não foram produzidos pela Bradesco Asset Management e sim enviado pelos gestores terceiros. A Bradesco Asset Management não se responsabiliza pelas informações. O comentário de gestão refere-se ao fundo investido. LEIA, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR. Acesse os documentos em www.bradesco.com.br. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou Fundo Garantidor de Crédito - FGC. Descrição do Tipo ANBIMA disponível no Formulário de Informações Complementares.

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022 | SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383 | SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099 | Ouvidoria: 0800 727 9933. bram@bram.bradesco.com.br | bram.bradesco. Assessoria de Investimentos: Capitais e regiões metropolitanas: 4020 1414 | Demais localidades: 0800 704 1414 – Em dias úteis, das 8h às 19h – horário de Brasília

